

Olhar inquieto

O jovem perante a morte

Abílio Oliveira

Eng. Informático e Psicólogo Social

Professor Auxiliar no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa. Autor dos livros O Desafio da Morte, Olhar Interior, SobreViver e Dar e Amar (abilio.oliveira@iscte.pt).

Introdução

"Epá... depois de ter saltado veio-me à ideia que a vida é perfeita, que a vida é o melhor que há. A vida está recheada de magia, beleza, oportunidades e televisões. E surpresas, imensas surpresas, sim. E depois há aquilo que toda a gente deseja mas que só sente quando já passou o tempo. Ocorreu-me isto tudo. Acho que isto não se vê tão claramente quando se está... percebem... vivo."

Tom Tom, *The Million Dollar Hotel*, Wim Wenders & Bono (1999)

"Qual é o significado da vida e da morte? Esta é a mais importante e complexa pergunta que a nós próprios temos a possibilidade de formular. Alguém consegue imaginar um desafio maior do que perceber a magnitude da sua existência?" (Oliveira, 1999, p. 19). Para além do imenso fascínio e apreensão que nascer e morrer desde sempre nos suscitam, o mistério primordial que em nós encerramos, é igualmente a certeza de que nos poderá levar mais intimamente e mais longe: a evidência de SER. Ao enfrentarmos a morte, olhamo-nos a nós mesmos. Mais do que morrer... receamos viver plenamente. Ao reconhecermos a realidade da (nossa) morte, podemos ser afastados, quase violentamente, da mundaneidade do nosso pequeno universo privado de ideias, emoções, sentimentos... ilusões, relações e de práticas familiares, sociais e profissionais. Teremos seguramente maior consciência da vida se estivermos conscientes da morte.

Diziam os Antigos, no sentido de Sábios, que temos em nós os maiores segredos do Universo. "Como é em cima, assim é em baixo", refere um conhecido princípio hermético. A verdade é que



ARQUIVO OE

não conseguimos imaginar o nada. "Há sempre qualquer coisa, algo que pulsa, que vive. Mas se o vazio não existe, porque é que para muitas pessoas a morte é o fim inexorável, é o ponto a partir do qual nada mais existe?" (Oliveira, 2001, p. 94).

A verdade é que nem sempre reparamos ou valorizamos o que temos, o que fazemos, o que somos (e quem ousa tentar descobrir "quem É?"), quem está perto de nós ou o que existe em nosso redor, ao alcance de um olhar, um toque, uma acção. Tal como o Tom Tom na história que introduz este texto, nem sempre nos apercebemos claramente das coisas, das pessoas, dos factos,... da Vida de que somos parte integrante, em toda a sua beleza, magia e magnificência. Por vezes, nós só reparamos no mais importante... "quando já passou o tempo", quando a vida que anima(va) um corpo jazente ou enfraquecido após uma dura viagem anseia por se libertar e passar mais uma curva no Caminho. Por vezes, encontramos jovens como o Tom Tom, que presos ao remoinho em que a sua existência se tornou, na ânsia de encontrar um novo rumo para uma forma de vida tornada intolerável, no desespero por alcançar algo que os faça sentir que estão vivos e lhes dê uma razão para prosseguir, arriscam morrer, não por pensarem que vão encontrar

a sua própria morte, mas sim por sonharem poder sobreviver... numa outra forma.

"O suicídio é a única saída quando uma pessoa está num mundo desconhecido e quando a única 'música' que ouvimos é a da solidão."

(rapariga de 17 anos citada por Oliveira, 2004)

Qualquer criança ou adolescente, desde a mais tenra idade, pensa frequentemente na morte. E depara-se com ela nas mais diversas situações e nos mais diversos contextos. No familiar que deixou de ver, na folha de árvore no chão, no peixinho que deixou de nadar,... no brinquedo estragado, no programa de televisão ou, tantas vezes, na refeição que lhe é dada. A ideia de morte reflecte sobretudo o interesse crescente que a criança, e mais tarde o adolescente, tem sobre si mesma, o seu crescimento e o facto de estar viva. Não seria natural isso ser também comum num adulto?

A percepção da morte na infância

"Disseste-me que o pai foi viajar e a avó disse-me que ele foi para o céu... mas eu sei que ele morreu... e não volta, nem pode apanhar o meu pagão de papel, quando ele voa no vento. Mas olha que às vezes estou a dormir e ele vem visitar-me, diz que gosta muito de mim, corre comigo, pega-me ao colo e dá-me um beijinho para eu dormir melhor... ah, e diz que gosta muito de ti também, e pediu-me para eu te dizer para tu não chorares, e eu sei que tu choras às escondidas mamã, e o papá também sabe, mas olha que o papá não nos esquece e está aqui [fala pondo a mão no peito da mãe] bem juntinho a nós e vê-nos todos os dias... e eu também o vejo... às vezes."

André, com cinco anos, citado por Oliveira e Araújo (2002, p. 14)

Encarar a morte, sem iludir, ignorar ou maltratar... sem fugir nem fingir... seremos capazes de responder a este tremendo desafio que todos os meninos e todas as meninas como o André nos lançam continuamente?

Podemos não saber exactamente o que uma criança pensa e sente sobre a morte, mas estamos certos de que cada uma, à sua maneira, sofre sempre com a separação e a perda. O que quer que pensemos ou façamos, digamos ou deixemos por dizer, influi decisivamente no processo evolutivo de um ser humano sensível e inocente. Porquê menosprezar ou ignorar as suas

questões, impelindo-o a falar de outra coisa, repreendendo-o ou silenciando-o? Por vezes, a criança é enganada, perturbada com banalidades ou inquinada pelas dúvidas, pelos fantasmas, pelos medos e pelas inseguranças dos adultos. Uma sociedade que disfarça a morte cultiva também, desde cedo, a opressão, a culpabilidade e o terror pela dor, pela morte e, em rigor, pela vida e por viver.

Ao longo do tempo, as crianças vão tendo diferentes noções sobre a morte, conforme a sua capacidade de entendimento, a experiência pessoal, o contexto social e a educação recebida. Consideram-se, em geral, quatro fases sucessivas, do nascimento à adolescência.¹

"É possível que a criança comece a entender o significado da morte física (como irreversível) antes dos seis anos, se considerarmos que ela apercebe-se das várias mortes que observa e que as suas ideias podem ser influenciadas pelas tradições culturais de suas famílias e seus companheiros de escola" (Oliveira e Pires, 2005, p. 7). Por volta dos seis anos, começa a olhar a morte como permanente e comum a todos os seres vivos. Mas, de alguma forma, crê que ela e os seus familiares são imunes, por se portarem bem ou por terem várias vidas... a morte é personificada, representada como um monstro, um papão ou um fantasma, provocando medo, angústia e, com frequência, terrores nocturnos – e quem contribui mais para isso? É também frequente a criança interessar-se pelas causas e pelo processo de decomposição decorrente da morte, o que aprende na escola em relação às plantas e animais.

Na verdade, muito do que somos enquanto adolescentes e em adultos resulta do nosso desenvolvimento cognitivo, afectivo, moral, psicossocial e social, desde o início, num dado contexto, da instrução recebida, da educação e das interações estabelecidas com quem nos é próximo, antes de mais, com os pais e educadores. As crianças e os adolescentes, na sua maioria,

¹ Desenvolvemos e sintetizamos as representações típicas da morte e as diferentes fases pelas quais habitualmente passam as crianças (do nascimento à adolescência), associadas ao seu desenvolvimento físico, psicológico e social, num outro artigo (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2002) e na tese de doutoramento (OLIVEIRA, 2004).

preocupam-se não só com a morte, mas, também, com a vida, Deus e a vida após a morte. Antes do processo de socialização em que são envolvidas, numa sociedade castradora e redutora, é-lhes naturalmente fácil aceitar a morte. Se repararmos bem, do ponto de vista do ciclo vital, as crianças estão mais próximas da morte do que nós, adultos. É interessante perceber o que elas nos conseguem dizer sobre isso... Quais os limites da sua imaginação? E da nossa ilusão?

Perspectivas predominantes face à morte

A morte assusta e parece estilhaçar as relações humanas. Por isto, é dissimulada ou desprezada. Contudo, a vida desdobra-se em múltiplas formas e situações. E "quanto mais o ser humano se apega às aparências das formas, às obrigações e aos prazeres mundanos, mais obnubila ou tão só adormece a morte [...] ele desdiz a realidade interdita e alimenta a quimera da imortalidade física. Ilude-se de novo e desgasta-se inutilmente" (Oliveira, 1999, p. 137).

A morte biológica encontra-se amplamente estudada e, tal como o nascimento, faz parte da existência humana. Mas seria estranho afirmar que nada mais existe além do corpo físico, sem o admitir cientificamente, pois tal iria contrariar as evidências que a Natureza nos oferta, com a qual aprendemos que nada se perde, tudo se transforma e renova, e que isso implica nascer, desenvolver, morrer, nascer... uma vez que todos os fenómenos são cíclicos. Se a morte fosse a aniquilação, "o fim", os ciclos da vida seriam absurdos, o que não é verdade. Contudo, é "um fim", como afirmam muitos jovens na investigação que temos realizado (e. g., Oliveira, 2004).

Hoje em dia coexistem três perspectivas predominantes face à morte e ao morrer: científica (ou das ciências em geral), religiosa (essencialmente judaico-cristã) e ocultista (ou das grandes tradições filosóficas e espiritualistas).

A perspectiva científica tem como verdadeiro somente o que é observável e de algum modo quantificável. Numa visão mecanicista, considera a morte como a extinção do ser individual. Sabe-

-se que o corpo será decomposto, desagregado e os seus átomos dispersados e reutilizados, num processo em que intervêm uma multiplicidade de seres vivos. Olha-se a morte do outro mas não a própria e questiona-se: Temos mesmo de morrer? Com os prodígios alcançados na biomedicina, na engenharia de tecidos e de órgãos, na física quântica, na manipulação genética, na inteligência artificial, na tecnologia biónica e criónica... os cientistas sonham com a imortalidade física e acham que a nossa geração poderá vir a medir a sua existência em séculos e não em décadas (e. g., Oliveira, 1999). Entretanto, "poderemos chegar a um momento em que a nossa sociedade se terá tornado tão insensível a ponto de se autodestruir a si mesma, à vida que a sustém e ao sonho da (neste caso, néscia) imortalidade" (Oliveira, 2001, p. 99). Apenas a morte nos oferece uma visão de continuidade, repõe em circulação os átomos (cujo número se mantém constante desde o início dos tempos), as moléculas e os sais minerais de que a Natureza necessita para se desenvolver, para todos os seres se poderem regenerar. A morte é uma necessidade da vida. Será a imortalidade física possível ou desejável? Qual o risco que assumimos e que custo nos dispomos a pagar? O Homem inteligente sempre gostou de ver mais além. O transcendente que a ciência tentou varrer do horizonte racional aparece agora como o postulado final das "ciências de ponta"² investigando-se o que é "invisível".

Uma outra formulação genérica, comum nas igrejas fundadas em três (das doze grandes) tradições religiosas – cristã, judaica e islâmica –³, associa ao ser humano uma alma individual imortal, que é eternamente punida ou recompensada em função das acções cometidas aquando da sua única passagem pela Terra. Esta ideia é frequentemente apoiada em dogmas, sistemas de crenças e em noções de pecado, mistério, culpa, medo e julgamento. Inúmeros problemas (e incongruências) são dificilmente contornáveis pela razão... Quais os critérios

² Como a astronomia, a cosmogonia, a química orgânica, a bioquímica, a biologia molecular, a nanotecnologia, a engenharia genética, a física quântica, a inteligência artificial ou a biomedicina.

³ Embora nestas tradições se encontrem ramos que defendem e sustentam leis como a reencarnação, respectivamente, os cristãos esotéricos, os cabalistas e os sufis; até ao século V, o cristianismo aceitava as teses do teólogo Orígenes que defendia a reencarnação (e. g., LUZ, 1988; OLIVEIRA, 1999).

que irão determinar o destino de um ser humano e quem os julgará? O que é ser condenado a um inferno ou recompensado com o céu, por toda a eternidade?! O que fazer com uma criança que morre com tenra idade, não tendo a oportunidade de realizar algo? Etc.

A terceira hipótese refere também existir uma alma imortal, mas como reflexo de um princípio espiritual imperecível, e perspectiva a sua viagem ilimitada no espaço e no tempo, através de inúmeras formas e contextos, de existência (ou personalidade) em existência humana, num percurso evolutivo, mudando de corpo tal como um actor muda de papel, fato e cenário. Segundo a teoria da reencarnação ou do renascimento, pela experiência assimilada em vidas sucessivas, o Homem vai ampliando os seus níveis de consciência e evolui, ultrapassando as suas limitações, falhas e defeitos, e manifestando cada vez melhor as qualidades divinas que em si dormitam. A maioria dos povos e das grandes civilizações da Antiguidade (Egipto, Grécia, Roma etc.) defenderam a reencarnação. Actualmente, muitos milhões de pessoas e povos continuam a atribuir-lhe uma coerência lógica.

Assim sucede entre os grandes movimentos de espiritualidade orientais, as principais religiões e filosofias hindus, o Budismo, o Zoroastrismo, o Taoismo e outras tradições religiosas (como os sufis islâmicos, os cabalistas judeus e os cristãos esotéricos), entidades e grupos ocidentais (e. g., Anacleto, 2002; CLUC, 1995; Luz, 1988; Oliveira, 1999, 2001).

Da aceitação geral à actual interdição da morte

Nas sociedades modernas (ditas) ocidentais, as representações dominantes da morte oscilam, sobretudo, entre a perspectiva científica e a tradição judaico-cristã marcadamente católica (e. g., Ariès, 1989, 1992; Bradbury, 1999; Kastenbaum, 2001; Oliveira, 1999; Parkes [et al.], 2003; Morin, 1988; Vovelle, 1983). Resultados de uma nossa pesquisa recente mostram-nos que os jovens adolescentes adoptam e partilham representações diversas ou

transculturais, englobando traços das três perspectivas, sendo, igualmente, os que mais encontram forte fundamentação e razões lógicas na dimensão espiritual do ser humano e na reencarnação (Oliveira, 2004).

Interditou-se a morte. E morrer tornou-se indigno, sobretudo por suicídio. Evita-se partilhar ou abordar sentimentos, especialmente associados a dor. A medicina e as novas tecnologias oferecem-nos maior esperança de aqui viver mas não nos 'salvam'. Eis um outro paradoxo: tememos morrer mas o que na verdade mais receamos é viver. "Temo a morte, mas sei que, se tentar fugir-lhe, estarei a correr na sua direcção" (Peixoto, 2003, pág. 60). Vivemos com pressa, impelidos para o prazer, a acumulação de bens e títulos, a actividade, a beleza (aparente) e a juventude, envoltos em preocupações e obrigações, escondendo, adiando ou renegando o

encontro com o que nos afronta, e nada nos incomoda mais do que a morte, impiedosa e repelente. Mas ela acena-nos, perversa, num apelo à reflexão e à autodescoberta. Enquanto podemos, hesitamos em parar e aquietar-nos para a olhar e agimos como se fôssemos imortais. O silêncio e a solidão, que deveríamos cultivar naturalmente,

surgem por imposição a quem quer abordar aquilo sobre o qual não se deve falar. A cultura ocidental isola a pessoa que, por si mesma ou através de um ente querido, se aproxima da morte. Como chegámos a esta situação?

Na baixa Idade Média, todo o ser humano reconhecia facilmente a sua mortalidade e queria preparar-se antecipada e serenamente para o seu *momentum*, deitado convenientemente na sua cama, em casa, rodeado de amigos e familiares, conforme se descreveu na "arte de bem morrer". A morte 'desejada', tão ou mais importante do que o funeral e o luto, era celebrada publicamente. A familiaridade assumida sem temor, desprezo, orgulho ou desespero, revelava a aceitação de um destino comum a todas as pessoas (e. g., Ariès, 1989; Oliveira, 1999). Do século XII ao século XIV, a morte converteu-se no momento em que todas as particularidades da vida humana eram

A medicina e as novas tecnologias
oferecem-nos maior
esperança de aqui viver mas
não nos 'salvam'.

analisadas, pesadas, escritas... e julgadas, daí resultando a salvação ou a condenação da alma. Existe assim uma ponderação mais pessoal, interior e consciente da própria morte ou da "morte de si próprio".⁴ A partir do século XVIII, apesar de se manter quase todo o cerimonial tradicional, a morte é aliada ao imagético-simbólico e ao erotismo, exprimindo a ruptura da ordem habitual. "A Humanidade começou a distanciar-se da morte em si mesma e esta assumiu uma expressão dramática, tensa, exaltada, contestada, espectacular" (Oliveira e Amâncio, 1999, p. 214). Desde então, o que mais se receia é a separação inadmitida do próximo ou da pessoa amada, a "morte do outro", tal como Ariès (1989) referiu. No século XIX, ela parecia estar em todo o lado, no luto, no culto da recordação ou nas peregrinações aos grandes cemitérios, mas talvez essa pompa ocultasse o afrouxamento das antigas familiaridades. Com os progressos das ciências, a todos os níveis, dos cuidados médicos e das tecnologias, ia sendo cada vez mais afastada da família.

No século XX, a revolução de ideias e sentimentos foi de tal ordem que a morte tornou-se vergonhosa e foi escondida⁵. Percebeu-se claramente que ela não diferencia estatuto, posição ou classe. Todos nós somos iguais... como mortais. Todos nós... tão longe... e tão perto. Observamos em todo este percurso uma forte influência das crenças, atitudes, medos, tabus e dogmas típicos da igreja (católica apostólica romana) ocidental predominante. Mas, entretanto, percebemos que nem a igreja nem a medicina – apesar dos seus dignos esforços em prol da vida humana e dos cuidados proporcionados – nos podem "salvar" ou evitar a mortalidade.

Agora, arriscamo-nos muito a morrer no leito de um hospital ou de uma instituição afim, sozinhos, na sequência de um qualquer acidente – forma de morrer mais comum entre os jovens, seguida do suicídio –, doença ou velhice. Ainda que na maioria dos casos suceda num contexto público, a morte transformou-se num fenómeno técnico, não cerimonial, por

vezes ocultado pelos profissionais de saúde, até à sua consumação, vivido pelo próprio como um acto privado... solitário. A pessoa que perscruta a morte é escondida dos olhares, cuidados e sentimentos alheios, é isolada. E é habitual que ninguém (doente, familiar, médico...) queira referenciar a morte ou quem está a morrer, imperando um silêncio sepulcral que trespassa a equipa hospitalar, a família, os amigos... a sociedade... e que não ajuda ninguém.

Como pode um jovem adolescente (não) reagir ou ficar alheio a esta situação? Como pode ele tranquilizar o seu olhar inquieto e compreender a realidade em que se envolve?

A morte entre os jovens futuros profissionais de saúde⁶

Pensar na morte implica pensar em questões sociais ao nível dos valores, das crenças, das atitudes, das culturas e das ideologias – e em nós próprios, no modo de ser, posicionar e agir no quotidiano.

Numa outra investigação (Oliveira, 1995, 1999) em que analisámos a forma como a morte é representada entre jovens estudantes universitários de medicina, enfermagem e biologia (com idade média de 20 anos), verificámos que são os futuros enfermeiros que revelam maior mal-estar e se mostram mais emocionalmente envolvidos com a morte. Ao contrário dos futuros médicos que, embora sentindo-se sós, revoltados e impotentes, se mostram quase indiferentes perante a morte (em si e) de si próprios. Os aspirantes a biólogos, habituados a tentar estudar a vida através de mortes, mostraram-se observadores e curiosos, mas também emocionalmente distantes. Observámos uma forte semelhança entre as representações das jovens e as dos estudantes de enfermagem, e entre as dos jovens e as dos estudantes de medicina. As mulheres salientaram mais uma dimensão emocional face à morte do que os homens.

⁴ Cercado por mortes horríveis (em particular devido à peste), o Homem procurava então atingir uma morte boa, pagando antecipadamente missas e encenando cerimónias fúnebres.

⁵ Ocupando o lugar antes destinado ao sexo.

⁶ Para um aprofundamento do planeamento, dos métodos e dos procedimentos seguidos, bem como dos resultados da investigação que aqui abordamos muito sinteticamente, pode consultar Oliveira (1995, 1999) e Oliveira e Amâncio (1998, 1999).

Entre muitos outros aspectos, a generalidade dos sujeitos nesta população revelou medo da morte ou de morrer e, na ausência de qualquer estímulo adicional, mostrou tendência para a ocultar, vivenciando ou respeitando o interdito. Ou seja, na ausência de contexto experimental, ao contrário do que verificámos nas condições experimentais, a morte foi olhada de soslaio, com afastamento emocional, como algo que se reconhece existir mas, para os outros, representada de modo abstracto, simbólico, impessoal e não personalizado, como uma possibilidade remota, controlável e improvável ou adiável – num cenário típico de “morte interdita”.

A maioria salientou fazer muito sentido existir uma qualquer forma de vida para além da morte, bem como uma alma e um espírito humanos. Revelou também que não costuma assistir a serviços religiosos e não deu absolutamente nenhuma (ou deu pouca) importância à exibição de sinais exteriores de luto, mas mostrou-se muito ou muitíssimo incomodada perante a possibilidade de outra pessoa lhe mostrar pesar ou sofrimento pela perda de um ente querido. Quando questionados acerca do modo como prefeririam morrer, se pudessem optar, a maioria escolheria morrer a dormir e, entre várias outras hipóteses possíveis, ninguém optaria por morrer rodeado de enfermeiros e médicos, o que não deixa de ser bastante significativo.

A importância da ressocialização da morte

Posteriormente, verificámos que as representações destes jovens diferem muito pouco das dos profissionais de saúde. O que se pode explicar, ao menos em parte, pelas motivações pessoais, sociais e pelos processos de socialização em que os jovens estudantes se encontram envolvidos. Doentes, familiares e profissionais de saúde seguem caminhos paralelos quando se aproxima um final de vida. Independentemente do estatuto, da posição ou da profissão, todos somos humanos e a crise da morte revela as dificuldades com que nos deparamos ao tentar mudar o mundo (e. g., Kübler-Ross, 1991). Desnuda os grandes conflitos (psico)sociais da nossa sociedade que observa na morte o fracasso do seu “projecto de modernidade”. O que nos leva a salientar a importância dos cuidados continuados e da ressocialização da morte.

“Não podemos esperar que sejam os médicos, os psicólogos ou quaisquer outros grupos sociais a resolver, sozinhos, esta complexa questão: um problema que a todos nós respeita e abrange e em que todos nos deveremos empenhar. Só assim se tornará possível ultrapassar uma crise tão profunda e enraizada no nosso âmago” (Oliveira, 1999, p. 25). Técnicos de saúde, cientistas sociais, teólogos, espiritualistas, todos, num esforço conjunto,



solidário e organizado, poderão dialogar com os pacientes e os seus familiares, socializando um momento único e tornando mais fácil o superar de medos comuns, rumo a uma paz interior, na certeza de que a vida, em cada ponta final, atinge toda a sua beleza e plenitude. Os momentos anteriores à morte podem suscitar transformações profundas. A morte, mais do que um tempo de paragem, é um tempo de transição. E nada é mais importante do que a dignidade na VIDA e na MORTE.

A morte distante

Apesar de algumas experiências ainda pontuais, a ressocialização da morte ainda está longe. Quer no hospital, quer em casa. Em Portugal, não subsistem hoje mais do que vestígios da *ars moriendi*, em raras e dispersas pequenas localidades do interior, sendo, por isto, desconhecida ou estranha para uma grande parte dos jovens (e. g., Coelho, 1991). A morte tornou-se estranha, medonha e arredou-se.... As crianças já não ficam perto da pessoa que está a morrer e são afastadas do contacto com o morto; não raras vezes, os adolescentes também são "aconselhados" a manter uma certa distância. As cerimónias fúnebres e muitas formalidades são geralmente entregues a profissionais da morte. Idealizamos que certos factos apenas sucedem aos "outros" e que morrer bem é, antes de mais, morrer a dormir e sem dor (e. g., Oliveira, 1999, 2004).

A morte continua a ser profundamente sentida no seio familiar, mas perdeu-se o direito de o afirmar. As conhecidas manifestações de luto, antes obrigatórias e agora "desaconselhadas", vão desaparecendo. Temos enorme dificuldade em entender ou, até, aceitar, que alguém, mesmo que seja nosso familiar ou amigo, nos mostre emoções e reacções de sofrimento, pesar ou luto após a morte de uma pessoa próxima (Oliveira, 1999, 2004; Oliveira e Amâncio, 1999). Este silêncio contrasta com o ruído de alguns *media* e da Sétima Arte (p. e., nas 'guerras em directo', nos noticiários ou em 'séries enlatadas'), onde se privilegia a morte como espectáculo ou como banalização. Por paradoxal que pareça, no caso de uma figura pública ou de um ídolo, em particular se morrer jovem, a morte é glorificada ou deificada e nela revemo-nos facilmente. Também o risco juvenil é socialmente aceite e glorificado (como

em certos desportos 'radicais'), não apenas no círculo de colegas e amigos, mas, amplamente, nesta sociedade obcecada pela juventude e a imortalidade física. "E este é um facto particularmente relevante no decorrer da adolescência, enquanto cada jovem está a construir uma identidade e tanto se questiona sobre a morte e a vida, e como, num movimento de autonomia, procura incessantemente referenciais, na família, no grupo, nas figuras que conhece e nos ídolos que admira, por exemplo, no desporto, no cinema ou na música. [...] Entre a glorificação desmedida e a interdição irracional generalizada, estas representações ambivalentes da morte não deixarão de o influenciar e ter alguma repercussão" (Oliveira, 2004, pp. 103-104).

O adolescente tende a abordar questões como a morte e o suicídio, em primeiro lugar, com os familiares mais próximos, antes de o fazer com os amigos ou algum professor (Sampaio [et al.], 2000; Oliveira [et al.], 2001). Em muitas situações percebe não poder falar sobre isso e nem o dever tentar, mas também percebe que, "na vivência intensa das dúvidas e pressões inerentes a crescer, na busca dos valores e limites, um modo de se experimentar, conhecer, apelar aos outros e a uma sociedade envergonhada na sombra da morte é testar-se, arriscar além daquilo que é norma social, transgredir a sua própria segurança para ver até onde consegue chegar, nomeadamente através de comportamentos de risco" (Oliveira, 2004, p. 93).

A morte por suicídio, em particular, converteu-se no nosso maior tabu (e. g., Shneidman, 1996). "A morte expõe-nos a incontabilidade do destino, numa sociedade que tende a renegar a imaginação, instigar ao prazer, felicidade e glória efémeras, e onde mais importa parecer do que ser" (Oliveira, Sampaio e Amâncio, 2004, p. 73).

Representações e reacções perante a morte e a perda na adolescência

Para génios como Platão ou Pitágoras, tudo o que observamos quando estamos despertos é a morte... que não é mais do que uma outra forma de sondarmos a vida. Tal não passa despercebido ao adolescente que deseja ardentemente conhecer-se.

Na verdade, os adolescentes pensam muito na dor, na morte e no suicídio (e. g., Crepet, 2002; Frankel, 1999; Marcelli, 2002; Pommereau, 2001; Sampaio, 2002). Os seus conceitos acerca destas questões existenciais estão intimamente ligados às suas ideias e imagens de morte na infância. As crianças e os adolescentes em geral preocupam-se não só com a morte, mas também com Deus e a vida após a morte, relacionando estes três conceitos entre si. Qualquer criança já pensa com grande frequência na morte e na perda (e. g., Bowlby, 1998; Clerget, 2001; Kastenbaum, 2001; Strecht, 2002), podendo eventualmente ser confrontada com a falta de algum familiar próximo muito cedo, logo aí emergindo uma das faces negras da interdição, pois, como afirmámos antes, muitos adultos "evitam o tema, na esperança de as manter afastadas da dor e, principalmente, das suas próprias dúvidas, inseguranças, fantasmas e medos" (Oliveira e Araújo, 2002, p. 15).⁷

Qualquer jovem, ao tentar responder às grandes questões psicossociais, envolve-se num processo de (des)construção e criação que implica, por um lado, os pais, colegas e amigos e, por outro, os ídolos e todos os que, directa ou indirectamente, contribuem para a conquista de uma autonomia, a definição de valores e de uma identidade (e. g., Bouça, 1997; Fleming, 1993; Geldard e Geldard, 2000; Sprinthall e Collins, 1999). Nesta habitualmente longa travessia que liga o 'ser criança' ao 'ser adulto', é preciso 'morrer' para a 'criança que se tem sido' e 'nascer' para o 'adulto que se há-de ser', fortalecer a autoconfiança e a auto-imagem. Ao dominar as operações formais, o jovem aprende a elaborar pensamentos abstractos, raciocínios lógicos, gerar hipóteses, manipular variáveis, relacionar conceitos, abordar questões sob diversas perspectivas e encontrar estratégias para as entender (e. g., Papalia [et al.], 2001; Piaget, 1977, 1978; Sprinthall e Sprinthall, 1993). O adolescente olha a morte como irrevogável, enquadra-a como etapa natural

do ciclo de vida fisiológico, mas não domina o conceito em si, não pensa nem admite a hipótese dele mesmo morrer, o que encontra correspondência no anseio humano de imortalidade (e. g., Laufer, 2000; Oliveira, 1999, 2001, 2004; Pommereau, 1998; Sampaio, 1991, 1999).

Num extenso trabalho de investigação⁸ que realizámos recentemente com adolescentes escolarizados, de ambos os sexos, entre os 15 e os 18 anos (Oliveira, 2004), verificámos que entre as principais representações sociais da morte salientam-se os pensamentos e sentimentos de mal-estar, associados a perda, saudade, dor, medo, tristeza, isolamento, solidão ou desespero, o ritual funerário e a vivência de proximidade com 'o outro'. A morte é, "em muito, representada pelos 'sentimentos' que

Nesta habitualmente longa travessia
que liga o 'ser criança' ao 'ser adulto',
é preciso 'morrer' para a 'criança
que se tem sido' e 'nascer' para o 'adulto
que se há-de ser', fortalecer a
autoconfiança e a auto-imagem.

desperta e objectivada em 'causas concretas', como «um fim» e não como «o fim», esperando-se existir 'continuidade', 'vida' para além do desconhecido" (Oliveira, 2004, p. 318), que não se pode controlar. Encontramos representações sociais que congregam dimensões presentes nas três perspectivas dominantes actualmente sobre a morte e a perda, com saliência para as que remetem para a con-

tinuidade ou a reencarnação.⁹ Quanto às representações mais significativas do suicídio, salientaram sobretudo o mal-estar, a tristeza, a infelicidade e o medo, a compaixão perante o suicida e a debilidade que a ele se associa, as causas do suicídio, bem como o suicídio como resolução ou morte violenta. O gesto suicida destaca-se como um apelo, uma solução, saída ou fuga face às dificuldades ou problemas, um reencontro, uma desistência ou negação da vida, um acto desesperado e de sobrevivência (Oliveira, 2004).

⁸ Numa tese de doutoramento em psicologia social realizado no ISCTE, intitulado *Ilusões: A Melodia e o Sentido da vida na Idade das Emoções – Representações sociais da Morte, do Suicídio e da Música na Adolescência*, e concluído em 2004.

⁹ A maioria dos jovens que questionámos afirmou que para si fazia muito ou muitíssimo sentido a existência de uma qualquer forma de vida para além da morte, bem como de uma alma e de um espírito (OLIVEIRA, 1999, 2004).

⁷ Ver nota¹.

As reacções de um adolescente à perda de uma pessoa importante para si, em especial se já houve outras perdas, dependerão do seu percurso pessoal, familiar e (psico)social; e são difíceis de tipificar, pois os sintomas de dor, sofrimento e o processo de luto podem diferir do que é mais habitual num adulto (e. g., Clerget, 2001). O choque, a descrença ou negação, a tristeza ou angústia, a ira, raiva, zanga ou revolta, a culpa e a depressão (ainda que esta possa não ser a ordem precisa) são as reacções ou fases mais comuns que precedem uma reorganização interior e uma nova forma de viver, quando a ansiedade vai cedendo lugar a uma relativa tranquilidade e à aceitação da perda. A “morte próxima” gera um tremendo sofrimento e uma sensação de ruptura associada à difícil e inevitável desvinculação. Qualquer adolescente depara-se ainda com uma série de perdas, fantasmáticas e reais, comparáveis ao processo de luto, que o remetem sempre para um confronto simbólico com a morte (e o morrer) e as formas de a representar. Ainda que as representações da morte realcem as ambivalências ou oscilações emocionais e de comportamento típicas neste período (e. g., Bossa, 2000; Braconnier e Marcelli, 2000; Campos, 2000; Clerget, 2001; Crepet, 2002; Marcelli, 2002), podem ser confundidas com aparente indiferença, lentidão, sintomas depressivos, agressividade ou hiperactividade. Porém, qualquer das reacções possíveis mascara ou expõe um profundo mal-estar interior.

Num percurso feito de constantes desequilíbrios, sempre em busca de um novo equilíbrio... desequilibrador, o adolescente dirige-se da família para o grupo... e mais tarde ruma para uma nova família, sem deixar de ter e cultivar momentos de solidão essenciais. A morte leva-o a pensar no enigma da finitude e na inefável intangibilidade da própria vida, o que gera inúmeras dúvidas, suposições e reflexões. Na procura de si mesmo, do que deve pensar, sentir e fazer, e de algum sentido para tudo, como poderia um jovem não precisar de falar sobre si e do que o rodeia? Como poderia aceitar que nada se passa se continua inquieto, sôfrego por informação, e o seu corpo, em constante transformação, ainda não desistiu de querer viver, nem se conforma a uma vivência monótona, insensível e oca? Como poderia deixar de tentar, de dialogar? Como reage a sociedade ao seu apelo? A dissimulação, o silêncio ou as banalidades dificultam ainda mais o

desenvolvimento adolescente e não ajudam a “evitar que muitos jovens se isolem e desistam de viver ao tropeçar nos problemas, nas desilusões e nas dificuldades que, inevitavelmente, surgem” (Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001, p. 519). A desesperança está intimamente ligada à depressão, à ideação suicida e, ainda mais, à intenção suicida e às tentativas de suicídio, como mediadora entre a depressão e o suicídio (e. g., Velting, 1999).

A morte de uma pessoa próxima, particularmente por suicídio, pode revelar-se um factor de risco na adolescência e, nalguns casos, um factor precipitante para graves comportamentos parasuicidas ou suicidas (e. g., Laufer, 2000; Macfarlane e McPherson, 2001; Saraiva, 1999).

O adolescente suicida

“A morte é certa, não é possível evitá-la, temos é que a aproveitar todos os segundos o melhor possível. Se resolvermos optar pelo suicídio, se não temos vontade de viver, então para quê estar cá mais tempo. Às vezes a realidade é demasiado má. (...) Que sentido tem vivermos e sabermos que vamos morrer?!?”

(Rapariga de 17 anos citada por Oliveira, 2004)

O gesto suicida veicula sempre uma intolerável dor interior, de quem não suporta mais a tensão, perdeu a esperança e não encontra uma alternativa válida pela vida. Revela um fracasso individual, familiar e social (e. g., Shneidman, 1981). “A autodestruição surge após múltiplas perdas, fragmentos de dias perdidos ao longo dos anos, rupturas, pequenos conflitos que se acumulam hora a hora, a tornar impossível olhar para si próprio. O suicídio é uma estratégia, às vezes uma tática de sobrevivência. Quando o gesto falha, tudo se modifica em redor após a tentativa. E quando a mão, certa, não se engana no número de comprimidos ou no tiro definitivo, a angústia intolerável cessa naquele momento e, quem sabe, uma paz duradoura preenche quem parte. Ou, pelo contrário e talvez mais provável, fica-se na dúvida em viver ou morrer, a cabeça hesita até ao último momento, quer-se partir e continuar cá, às vezes deseja-se morrer e renascer diferente” (Sampaio, 2000, p. 152).

O gesto suicida “permite encarar a morte como refúgio, como local de encontro com alguém que se perdeu, como forma de

destruir uma parte de si próprio sentida como incontável; noutra dimensão, o suicídio aparece como desafio ou vingança face a alguém a quem se está profundamente ligado; em derradeira análise (...) o gesto suicida adolescente é uma tentativa de triunfo sobre as limitações humanas” (Sampaio, 1999, p. 12). O adolescente sem esperança vê no suicídio uma solução ou a fuga para uma situação insustentável, mas... quer morrer e viver ao mesmo tempo. No fundo, gostava de desaparecer, transformar a situação noutra melhor.

“Em busca de reparação para uma identidade destruída, estilhaçada ou gravemente ferida [...] quando as representações da vida e da morte se confundem, na orla do desespero, do desânimo, os adolescentes podem tornar-se suicidas ou, numa primeira fase, ficar mais distraídos (e propensos a acidentes), tentar aliviar a tensão que os oprime magoando-se a si mesmos ou procurar, quicá de modo algo inconsciente, actividades de risco. [...] As ideias de morte, as ideias de suicídio, os parassuicídios, a intenção suicida e as tentativas de suicídio, como numa escala sequencial, progressiva, sucedem-se no tempo, ainda que nem sempre sejam percebidos ou relacionados, com repetição de actos ou ocorrências cada vez mais graves” (Oliveira, 2004, p. 78).

Os parassuicídios¹⁰, que incluem os comportamentos de risco e os de auto-agressão, são cada vez mais frequentes nas nossas sociedades (e. g., Saraiva, 1999). Aqui, o adolescente não visa a morte, mas, conforme a gravidade da situação, pode arriscar-se a morrer. Num estudo que realizámos com adolescentes de Lisboa, verificámos que cerca de metade já pensou em suicídio (30% dos quais pensou bastantes vezes), perto de 35% já teve comportamentos de auto-agressão ou automutilação e cerca de 40% já teve vários comportamentos de risco (Oliveira, 2004).

Crescer implica arriscar, testar-se, encontrar novos limites, ultrapassá-los, aprender e ampliar a consciência. Mas a busca de emoções fortes, onde o jovem pode rapidamente debater-se entre morrer e viver, revela um carácter predominantemente simbólico de aproximação à morte e suscita um sentimento de

identidade renovado. “É como se uma pessoa que desafia a morte ficasse com o direito a viver e com mais razão para sobreviver” (Sampaio, 1997, p. 98), então “encontrando uma forma de afirmação, valorização e reconhecimento social, em especial junto do seu grupo de pares e de conquistar auto-estima, conferindo algum sentido à vida” (Oliveira, 2004, p. 81). Os riscos demasiado perigosos correm-se na batalha pela identidade e autonomia. E decorrem de uma noção incorrecta da (própria) morte, vista como muito improvável. Em suma, os jovens vêem no suicídio ‘o fim’ temido, a resolução do desespero, e acentuam o profundo mal-estar que a morte suscita, representando-a como ‘um fim’ distante, incontável e desconhecido, esperando que a vida, de algum modo, continue (Oliveira, 1999, 2004).

Em nenhum caso a ‘conspiração do silêncio’ face à morte é útil ao jovem que, por vezes, recorre a actos ‘limite’, de risco crescente, para implorar a atenção de alguém que se disponha a escutá-lo mesmo. É como que um derradeiro apelo no limiar do precipício que convida à autodestruição. “Por vezes os adolescentes sofrem em silêncio em casa pelas atitudes dos pais, que não compreendem que o adolescente tem as suas necessidades e utilizam a argumentação de que «são fases» e nunca nos deixam contra-argumentar” (rapaz de 16 anos citado por Oliveira, 2004).

Desafia-se a morte e arrisca-se morrer para se conseguir (sobre)viver e ter ânimo para prosseguir. Um(a) jovem morre por suicídio quando não vislumbrou razão nem estímulo para viver, não suportou as preocupações nem foi capaz de perceber a vida ou não encontrou quem o auxiliasse a equilibrar-se. E então, ainda que morra a sós, um pedaço de nós morre também com ele, pois “ninguém morre sozinho” (Sampaio, 1991, 2002).

A importância da educação para a dor, a morte e o suicídio

“Todo o ser humano é diferente de mim e único no universo; não sou eu, por conseguinte, quem tem de reflectir por ele, não sou eu quem sabe o que é melhor para ele, não sou eu quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho o direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio”

¹⁰ Aprofundámos este tema em Oliveira, 2004 e Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001.

Agostinho da Silva, em *Educação de Portugal* (1996, p. 8)

Estejamos certos do seguinte: um dia, a criança ou o jovem que nos é próximo vai abordar-nos, implícita ou explicitamente, sobre a MORTE; e a nossa reacção será determinante para a sua formação, para a sua noção de VIDA, o que é especialmente premente no caso de uma criança, ainda demasiado maleável, inocente e receptiva. Podemos contribuir para o seu correcto desenvolvimento, apoiando-a na descoberta do melhor que (já) existe no seu íntimo, educando-a para a compreensão do que é o ser humano (nas suas várias "esferas" de manifestação), e para uma visão serena e libertadora da morte, como um momento natural da vida, que não cessa, mas que se transforma e revela de várias maneiras, em diferentes contextos.

"Entre fomentar a ignorância, a astúcia e a mentira, ou educar para a vontade de saber, a simplicidade e a autenticidade, não podemos vacilar. Para que as crianças cresçam sem o estigma da perda, sem o sufoco do desconhecimento e da vergonha por serem órfãs ou filhos únicos. Elas têm direito à felicidade, a prosseguir o seu caminho em harmonia. Ninguém, jamais, poderá substituir quem partiu, mas os frágeis corações destas crianças anseiam por receber atenção, afecto e carinho daqueles que as rodeiam. E se elas nos disseram que estiveram com o ente amado num qualquer laivo da sua imaginação ou no canto de um sonho redentor, quem somos nós para as contradizer ou, pior, repreender? Tentemos respeitá-las, sem as agrilhoar ou impingir aquilo que nós mesmos não entendemos. Deixemo-lhes espaço para a sua sensibilidade e inteligência, deixemo-las ganhar asas, voar e recordar as imagens que em si mesmas perduram. E teremos muito a aprender com elas" (Oliveira e Araújo, 2002, p. 18).

É tão fundamental proporcionar a oportunidade de diálogo sobre a dor, a morte e o suicídio, como permitir que quem passa por uma experiência de (algum tipo de) morte, em especial um jovem, sinta poder deixar fluir a tristeza, chorar se tiver vontade, mostrar a sua revolta, exprimir a dor e revelar o luto... sem ser criticado, silenciado ou ignorado. O sofrimento pode constituir uma oportunidade de aprendizagem, e as perturbações psicológicas podem ter uma repercussão física ou somatização. Porque não escutar e fomentar a proximidade?

Após a fase em que as emoções afloram abruptamente, pode entender-se o que estas ocultam sobre nós e os outros. A consciência da morte leva-nos à auto-reflexão, torna-nos mais fortes, valorosos e corajosos. "Ao olharmos para muitos adolescentes e ao investigarmos as representações que cada um nos relata e comunica, parecemos ver ainda por vezes uma criança que, no seu íntimo, continua a desbravar a maturidade, titubeante face às novas realidades com que se debate, mas sôfrega por se entender e despertar adulta" (Oliveira, 2004, p. 111). Podemos ajudar qualquer pessoa, começando pelas crianças e pelos jovens em geral, a desenvolver a sua imaginação, a descobrir e a enriquecer o seu fantástico mundo interior.

"Que os homens que guardam da sua infância a experiência inédita, que interiorizam o movimento, o sentir, o amor, que construíram um mundo seu, o abram aos outros, que o abram às crianças. Para que haja AMOR, para que haja DIÁLOGO. [...] Apelamos para que os Homens que sabem que NASCER, VIVER, MORRER são apenas aspectos de uma forma de pensar que ilude a fantasia, de uma forma de sentir que ilude o pensar... ajudem as crianças que ainda o são AGORA a enriquecer o seu mundo interior com vivências que tornem menos dura e menos só a hora da morte. Para que as crianças nasçam como seres humanos e vivam como pessoas, antes que as matem ou que se matem como seres sensíveis e inteligentes" (Santos, 1991, pp. 317-318).

Para que exista verdadeira paz e amor, para que se respeite a Vida e as crianças se tornem adultas responsáveis e esclarecidas. A educação¹¹ é o mais firme apoio para a criança que atravessa a adolescência se ir autodescobrindo até se tornar um jovem adulto que compreende a plenitude de ser humano. O que é educar senão uma forma de comunicar e de amar?

¹¹ O termo 'educar' tem a sua origem etimológica no verbo latino 'educare', derivado de 'educere' ou 'eduzir', isto é, conduzir para o exterior, despertar na pessoa os elementos positivos que nele se achavam dormentes, como sejam, a verdade, a justiça, o amor, a tolerância, a solidariedade etc. Também o real educador precisa ser um 'eduzido', que se compreende, aceita e realiza integralmente. Ele é um edutor que eduz do seu educando o que nele dormita de melhor e mais puro. Educar não é injectar, impingir, impor, obrigar, mas sim desenvolver o que já existe em latência no educando. Assim, educação difere de instrução; a primeira visa o sujeito e a segunda refere-se aos objectos. A aquisição de conhecimentos e a descoberta de factores externos, fora de nós, é instrução, e torna o Homem erudito.



ARQUIVO DE

A educação para a morte e o suicídio é urgente e vital, e o espaço escolar é essencial para a prevenção (e. g., Oliveira, Amâncio e Sampaio, 2001; Sampaio, 1996), pois é aí que os jovens passam grande parte do seu tempo. Encontram-se também aí os outros elementos essenciais neste processo: os professores e os pais. “É no convívio com os companheiros de escola que muitas vezes se partilham os segredos e se comunicam ideias de morte. É também na escola que frequentemente aparecem os primeiros sintomas de depressão” (Santos e Sampaio, 1997, p. 193).

Morte... a ilusão da separação

Vivemos uma época agitada e ‘desmorteada’. Procuramos encontrar “terra firme” enquanto navegamos por entre uma neblina de ilusões e desilusões. “Precisamos de contactar e conhecer, profunda e afectuosamente, a Vida” (Oliveira, 1999, p. 182). O que passa por encararmos cada situação, problema, dificuldade, [...] satisfação, surpresa ou dor. Se não temermos o que vai suceder a seguir, connosco, com a outra pessoa ou com tudo o que nos envolve, se formos atentos e lúcidos e não calculistas, se não recearmos viver nem dar sempre o melhor de nós a cada pessoa, ocasião ou projecto, como poderemos recear morrer?

“Quando alguém de quem eu gosto [...] desaparece do ‘ângulo de visão’ com que o observava e da ‘esfera de contacto’ que me permitia tocar-lhe, quando deixo de escutar a sua voz e contar

com a sua presença, é que eu verdadeiramente me apercebo do vazio arrasador que fica, do silêncio que me queima, das lágrimas que se soltam na solidão que me invade, da memória que rasga o espaço dorido da mente incomodada, da tristeza sombria que parece me arrebatrar a alma, da insignificância das nossas impertinências e discussões, do quanto o apreço e do muito que ficou por lhe dizer, ou por fazer... só então eu consigo intimamente compreender o que esse ser humano significa para mim e, eventualmente, o quanto eu realmente o amo!” (Oliveira, 1999, p. 162). E pode ser tarde.

“Quanto mais estudo e observo as coisas, mais me convenço de que o desgosto pela separação e pela morte é, talvez, a maior ilusão. Compreender que se trata de uma ilusão é obter liberdade” (Gandhi). Só a morte consegue amplificar tanto o hiato pesaroso da (sensação de) separação e amargar uma dor indissolúvel. Nós somos poeira das estrelas, ínfimas parcelas humanas. Mas qualquer “parte desinserida do Todo é filosoficamente inexistente. A parte só existe, só tem realidade, se (ou porque) não isolada e destacada desse Todo – Único, por definição” (CLUC, 1995, pp. 51-52). As nossas vidas estão interligadas (Sagan, 1998). E “só podem ter um significado (e uma existência) real, se não estiverem apartadas daquilo que verdadeiramente (é e) nos dá sentido, que está bem para além do prodigioso cérebro que ainda mal sabemos utilizar ou da maravilhosa e complexa estrutura biopsicossocial que nos permite vivenciar e comunicar aquilo que designamos por Vida. Se negarmos a nossa essência, então sentir-nos-emos, ilusoriamente, afastados desse todo [...]. E, então, a morte não pode deixar de ser vista como uma implacável cessação, nossa ou daqueles que amamos” (Oliveira, 2001, p. 96).

Se não souber de onde veio nem para onde vai, então como é que pode estar seguro de que se encontra aqui? Como não suportamos muita realidade, uma boa parte das nossas formas de pensamento social são ilusões. Das quais muito dificilmente nos conseguimos libertar. A morte não nos impede de sonhar nem de dar ou amar, mesmo quem não vejamos por muitos anos. O que é forte e verdadeiro fortalece-se, realça a imortalidade. Como poderíamos apartar-nos de quem amamos? As emoções, os

sentimentos e as ideias são, em si mesmas, substanciais. Sabemo-lo intimamente. O que se pensa e sente é tão 'real' quanto o que se pode observar no espaço limitado que enxergamos. O amor é continuidade de consciência e prevalece sempre (e. g., Anacleto, 2005; CLUC, 1989, 1995). Tal como a vida sobre a morte.

"Transforma-se o amador na cousa amada", escreveu sabiamente Camões. A saudade e a dor da separação física podem transcender-se e dar lugar a uma compreensão mais ampla e profunda dos mundos nos quais e pelos quais efectivamente existimos. Aquele(a) que amamos nunca nos pertenceu nem pertence – outra das ilusões a clarificar. Mas, pela ligação que nos une, quando oportuno, temos sempre meio de comunicar. Eis o que muitos jovens nos transmitem.

Viver... e abraçar a vida

"A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não 'stás morto, entre ciprestes.
Neófito, não há morte"

Fernando Pessoa em *Iniciação*

"Mais do que crente, o Homem moderno é muitas vezes carente. Tem a inteligência e os meios adequados para a utilizar, mas nem sempre os aplica no melhor sentido. As emoções que exterioriza nem sempre são as que sente no seu sagrado mundo interior. Falta-lhe por vezes o bom senso, o sentido ético, a lucidez a curto e a longo prazo, a 'espontaneidade de criança', a vontade determinada pelo e para o bem, a paz ... o amor. Sente-se descrente e nem sempre admite que o mundo pode ser melhor. Ao perder a esperança, entrega-se mais facilmente ao que o afasta de si e dos 'outros'. Como pode pensar na morte, se no escuro do seu quarto, ao fechar os olhos, não sente que a 'vida' o realize?" (Oliveira, 1999, p. 120)

Esta é uma situação bem evidente num jovem insatisfeito e ávido por explorar e se conhecer a si e ao mundo. A morte expõe-nos face aos nossos limites, aos nossos medos e às nossas fraquezas, incita-nos a superarmo-nos, no sentido evolutivo, qual história interminável no dia-a-dia de uma

existência arredia da realidade que preferimos manter confortavelmente longe. Admitindo a (nossa) morte, poderemos atenuar e transformar a tristeza, perceber e superar a dor e o sofrimento advenientes, reconhecer um nobre sentido na Vida. Para nos dedicarmos ao presente, para melhor comunicar, aprender e ensinar sem rezear o destino. "E assim entregar-nos, livre e plenamente, ao mais sublime desafio, com aptidão não só para viver e sermos socialmente mais úteis, como para morrer dignamente e saudar a morte, como quem proclama um nascimento, quando a sentirmos aproximar-se, ou quando a observarmos em qualquer pessoa a quem [...] damos a mão, e, em tudo o que nos rodeia, permeado de energia vivificante" (Oliveira, 1999, p. 240).

A consciência da morte e do morrer leva-nos a uma vida mais intensa, tranquila, aprazível, plena de sentido, valor e solidária com todos os seres. "Podemos abraçá-la e integrar a beleza sumptuosa da nossa preciosa existência, da Existência. E proceder, em relação a cada coisa e a cada ser, sem adiamentos nem receios infundados, respeitosamente, e sempre da forma que pensamos ser a mais adequada. Cada momento, por mais ínfimo que pareça, é único, irrepetível e inolvidável. E cada ser humano é também único, insubstituível e incomparável. Tudo aquilo que não se der perde-se. Podemos expressar o melhor possível o que pensamos e sentimos a cada pessoa que nos é próxima. E ajudar, especialmente os mais novos, a abordar a morte e a vida com simplicidade, integridade e autenticidade" (Oliveira e Pires, 2005, p. 8).

Perante uma realidade que lhe é adversa, num mundo de impermanência e ilusões, qualquer jovem precisa de tomar decisões importantes, e procura, constantemente, resposta para as suas incertezas. De olhar inquieto, em pulsante crescimento interior, hesitante em seguir a sós, "face a familiares, colegas e amigos, com os quais mantém cambiantes processos de socialização, pode sentir grande dificuldade em encontrar pontos de equilíbrio, em alcançar uma sinfonia interior, sem que deixe de arriscar, por vezes de mais, até ao limite de uma desarmonia. [...] Talvez apenas no seu íntimo possa encontrar algo de seguro. Talvez tenha de arriscar para se conhecer, também através do

que o circunda. Ao conquistar uma maior consciência da vida, por vezes pelo contacto próximo com a morte, o indivíduo pode entender que o suicídio não é mesmo uma solução” (Oliveira, 2004, pp. 401, 417). Apenas a cooperação e a comunicação, com afectividade, o pode auxiliar a reerguer-se após os inevitáveis tropeções, incentivar a prosseguir e amparar na difícil (mas fantástica) caminhada que não pode deixar de realizar consigo mesmo.

Ainda que a tentemos disfarçar ou repelir, a morte mantém-se sempre demasiado perto. Alguns jovens aproximam-se perigosamente dela... e, por paradoxal que pareça, pensam na morte e desafiam-na para a afastar, sem querer morrer, para sentir que estão a viver e a conquistar (esperança para) a vida. O que nos impede de escutarmos esses sinais, de fixarmos esses olhares inquietos que tímida, agressiva ou ansiosamente nos perscrutam, de neles nos revermos a nós mesmos, de criarmos laços de proximidade, darmos alguma atenção e dialogarmos? A morte fascina. Mas não mais do que a Vida!

Referências

- ANACLETO, J. – **Espírito: Ciência ou Ilusão?** Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural, 2002.
- ANACLETO, J. – **Transcendência e Imanência de Deus.** Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural, 2005.
- ARIÈS, P. – **História da Morte no Ocidente.** Lisboa: Teorema, 1989.
- ARIÈS, P. – **O Homem perante a Morte (I e II).** Lisboa: Publ. Europa-América, 1992.
- BOSSA, N. – O normal e o patológico na adolescência. In: OLIVEIRA, V.; BOSSA, N. (eds.) – **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente.** Petrópolis: Vozes. 4 (2000).
- BOUÇA, D. – **Madrugada de Lágrimas – Depressão na Adolescência.** Porto: Edinter, 1997.
- BOWLBY, J. – **Apego e Perda.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRACONNIER, A.; MARCELLI, D. – **As Mil Faces da Adolescência.** Lisboa: Climepsi, 2000.
- BRACONNIER, A. – **Guia da Adolescência – à procura da identidade.** Lisboa: Prefácio, 2003.
- BRADBURY, M. – **Representations of Death.** London and New York: Routledge, 1999.
- CAMPOS, D. – **Psicologia da Adolescência.** 17.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CLERGET, S. – **Não Estejas Triste Meu Filho.** Porto: Ambar, 2001.
- CLUC – **Sementes e Pérolas.** Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural, 1989.
- CLUC – **Sete Chaves.** Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural, 1995.
- COELHO, A. – **Atitudes Perante a Morte.** Coimbra: Minerva, 1991.
- CREPET, P. – **A Dimensão do Vazio.** Porto: Ambar, 2002.
- FLEMING, M. – **Adolescência e Autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais.** Porto: Afrontamento, 1993.
- FRANKEL, R. – **The Adolescent Psyche.** New York: Routledge, 1999.
- GELDARD, K.; GELDARD, D. – **Counselling Adolescents.** London: SAGE, 2000.
- HANUS, M. – Editorial. In: HANUS, M. (Ed.)– **L’Adolescent et la Mort. Études sur la Mort, 113.** Paris: L’esprit du temps, 1998.
- KASTENBAUM, R. – **Death, Society and Human Experience.** 7th ed. Boston: Allyn & Bacon, 2001.
- KÜBLER-ROSS, E. – **Sobre a Morte e o Morrer.** São Paulo: Livraria M. F, 1991.
- LAUFER, M. – **O Adolescente Suicida.** Lisboa: Climepsi, 2000.
- LUZ, H. – **A Reencarnação Desvendada.** Lisboa: Centro Lusitano de Unificação Cultural, 1988.
- MACFARLANE, A.; MCPHERSON, A. – **Adolescentes: da agonia ao ecstasy.** Lisboa: Europa-América, 2001.
- MARCELLI, D. – **Os Estados Depressivos na Adolescência.** Lisboa: Climepsi, 2002.
- MORIN, E. – **O Homem e a Morte.** Lisboa: Publ. Europa-América, 1988.
- OLIVEIRA, A. – **Percepção da Morte: a realidade interdita.** Lisboa: ISCTE, 1995. Tese de Mestrado.
- OLIVEIRA, A. – **O Desafio da Morte – convite a uma viagem interior.** Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

- OLIVEIRA, A. – Morte – Um (grande) desafio ao Nada. In: CAEIRO, M. (Ed.) – **Nada vezes nove**. Lisboa: extra]muros[, 2001.
- OLIVEIRA, A. – **SobreViver**. Lisboa: Âncora, 2001a.
- OLIVEIRA, A. – **Ilusões: A Melodia e o Sentido da Vida na Idade das Emoções – Representações sociais da morte, do suicídio e da música na adolescência**. Tese de Doutoramento. Lisboa: ISCTE, 2004.
- OLIVEIRA, A.; AMÂNCIO L. – Pertencas sociais e formas de percepção e representação da morte. «Psicologia». XII:1 (1998) 115-137.
- OLIVEIRA, A.; AMÂNCIO L. – A influência do contexto na percepção e nas representações sociais da morte. «Psicologia». XII:2 (1999) 213-235.
- OLIVEIRA, A.; ARAÚJO, G. – Quando a morte chega demasiado cedo. «Biosofia». 14 (2002) 15-18.
- OLIVEIRA, A.; PIRES, M. – Aceitar a Morte, Viver o Luto, Abraçar a Vida. «Biosofia». 26 (2005) 4-8.
- OLIVEIRA, A.; AMÂNCIO, L.; SAMPAIO, D. – Arriscar Morrer para Sobreviver. «Análise Psicológica». XIX:4 (2001) 509-521.
- OLIVEIRA, A.; AMÂNCIO, L.; SAMPAIO, D. – Da desesperança ao desafio da morte... e à conquista da vida: Olhar sobre o adolescente suicida. «Psychológica». 35 (2004) 69-83.
- OLIVEIRA, A.; SAMPAIO, D.; AMÂNCIO, L. – Perscrutando o fim... – Representações sociais da morte e do suicídio na adolescência. In: VALA, J.; GARRIDO, M.; ; ALCOBIA, P. (Eds.) – **Percursos da Investigação em Psicologia Social e Organizacional**. Lisboa: Fenda (no prelo), 2004.
- OLIVEIRA, A. [et al.] – As preocupações dos jovens face ao suicídio – Representações sociais do suicídio na adolescência. «Psiquiatria Clínica». 22:1 (2001) 41-48.
- PAPALIA, D.; OLDS, S.; FELDMAN, R. – **O mundo da criança**. 8.^a ed. Lisboa: McGraw-Hill, 2001 .
- PARKES, M.; LAUNGANI, P.; YOUNG, B. – **Morte e Luto através das Culturas**. Lisboa: Climepsi, 2003.
- PEIXOTO, J. – **Antídoto**. Lisboa: Temas e Debates, 2003.
- PIAGET, J. – **Problemas de Psicologia Genética**. Lisboa: D. Quixote, 1977.
- PIAGET, J. – **Seis Estudos de Psicologia**. Lisboa: D. Quixote, 1978.
- POMMEREAU, X. – **Quando o Adolescente se Sente Mal...** Lisboa: Terramar, 1998.
- POMMEREAU, X. – **L'Adolescent Suicidaire**. Paris: Dunod, 2001.
- SAGAN, C. – **Biliões e Biliões**. Lisboa: Gradiva, 1998.
- SAMPAIO, D. – **Ninguém Morre Sozinho**. Lisboa: Caminho, 1991.
- SAMPAIO, D. – **Voltei à Escola**. Lisboa: Caminho, 1996.
- SAMPAIO, D. – Prefácio. In: OLIVEIRA, A. – **O Desafio da Morte**. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.
- SAMPAIO, D. – **Tudo o que temos cá dentro**. Lisboa: Caminho, 2000.
- SAMPAIO, D. – **Ninguém morre sozinho**. 12.^a ed. atualizada. Lisboa: Caminho, 2002.
- SAMPAIO, D. [et al.] – Representações sociais do suicídio em estudantes do ensino secundário. «Análise Psicológica». XVIII:2 (2000) 139-155.
- SANTOS, J. – **Ensaio sobre Educação(I e II)**. 2.^a ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1991 .
- SANTOS, N.; SAMPAIO, D. – Adolescentes em risco de suicídio: a experiência do Núcleo de Estudos do Suicídio. «Psiquiatria Clínica». 18:3 (1997) 187-194.
- SARAIVA, C. – **Para-suicídio**. Coimbra: Quarteto, 1999.
- SHNEIDMAN, E. – You and death. «Psychology Today». 5:1 (1971) 74-80.
- SHNEIDMAN, E. – **Suicide Thoughts and Reflections, 1960-1980**. London: Human Sciences Press, 1981.
- SHNEIDMAN, E. – **The Suicidal Mind**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1996.
- SILVA, A. – **Educação de Portugal**. Porto: Ulmeiro (orig. publ. 1970), 1996.
- SPRINTHALL, N.; COLLINS, W. – **Psicologia do Adolescente – Uma abordagem desenvolvimentista**. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1999.
- SPRINTHALL, R.; SPRINTHALL, N. – **Psicologia Educacional: Uma abordagem desenvolvimentista**. Lisboa: McGraw-Hill, 1993.
- STRECHT, P. – **Interiores**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- VELTING, D. – Personality and negative expectancies: trait structure of the Beck Hopelessness Scale. «Personality and Individual Differences». 26 (1999) 913-921.
- VOVELLE, M. – **La Mort et l'Occident de 1300 à nos Jours**. Paris: Gallimard, 1983. 